



BARCAS FERRY



O PRIMEIRO serviço regular de navegação a vapor, entre a Côrte e a vizinha província do Rio de Janeiro, data de 14 de outubro de 1835, quando começaram a funcionar três barcas inglesas, armadas em iate, da Companhia de Navegação de Niterói, denominadas «Praia Grande», «Niteróiense» e «Especuladora». Trafegavam de hora em hora (das 6 da manhã às 6 da tarde) e faziam a travessia da baía em 30 minutos.

Até então, o percurso era feito em botes, faluas e saveiros, durando a viagem mais de duas horas.

No dia 25 de maio de 1844, cêrca das 5 horas da tarde, a barca «Especuladora», que acabara de largar do cais Pharoux, levando mais de 200 passageiros para Niterói, foi pelos ares, em razão de formidável explosão na caldeira, causando a morte de 70 pessoas.

Seguiu-se à Companhia de Navegação de Niterói a das Barcas Ferry (do verbo inglês «to ferry»: transportar em barco de uma margem para outra), cujo serviço foi solenemente inaugurado numa manhã de domingo, 29 de junho de 1862.

Tratava-se de barcas norte-americanas, movidas a rodas, com duas prôas e capacidade para 300 passageiros e para carruagens, com os respectivos animais e cargas. Os preços das passagens eram: 120 réis para as pessoas calçadas e 80 réis para as descalças; 700 réis por cavalo de sela; 1\$000 por tálburi e bêsta; 2\$000 por sege ou carro com duas bêstas; e 5\$000 por «andorinha» (carro de mudança), com as respectivas parelhas.

Roberto Macedo assim descreve a cerimônia da inauguração: Regorgitava o largo do Paço. Grande massa de curiosos aguardava os monarcas. A todo o momento chegavam convidados. Faiscavam ao sol os instrumentos das bandas marciais. Às dez e meia estas romperam o Hino Nacional.

D. Pedro II desce de sua caleça, louro e forte. Seguem-se a imperatriz Terêsa Cristina, as princesas, os ministros de Obras Públicas, da Guerra e da Marinha, senadores, deputados e comitiva oficial.

Fazem as honras da casa W. F. Jones, diretor, e Thomas Rainey, empresário da Companhia. A família imperial visita, ponto por ponto, as barcas, inexpressivamente batizadas com os nomes de «Primeira», «Segunda» e «Terceira».

A «Primeira» e a «Terceira» transbordam de convidados, mais de mil e seiscentos. Na «Segunda» — uma segunda que foi a primeira — seguem na frente os imperantes.

A «Primeira» saiu com o diabo nas máquinas: abalroou um patacho, chocou-se com o flutuante dos banhistas e quase pôs a pique um escalor que lhe corria pela prôa. Entretanto, a «Segunda» navegava em mar de rosas. Por causa da maré baixa, demorou um pouco a manobra de atracação na ponte de São Domingos, onde aguardavam os augustos imperantes o presidente da província, Luiz Alves Leite de Oliveira Belo, e autoridades provinciais. Depois de numerosas visitas em Niterói, regressou a família imperial na barca «Terceira».

Em 1866, entrou em serviço a barca «Quarta», estando em construção a «Quinta», em estaleiro europeu, e, em 1878, a «Sexta» e a... «Sábado».

Correram os anos e, em 1889, com a fusão da Companhia das Barcas Ferry e a Empresa de Obras Públicas no Brasil (serviços de bonde e de abastecimento d'água em Niterói), organizou-se a Companhia Cantareira e Viação Fluminense.

A fotografia mostra a sede da antiga Companhia Ferry, na praça Quinze de Novembro. No mesmo local foi construída, em 1906/1907, a estação da Cantareira.